O BERRO

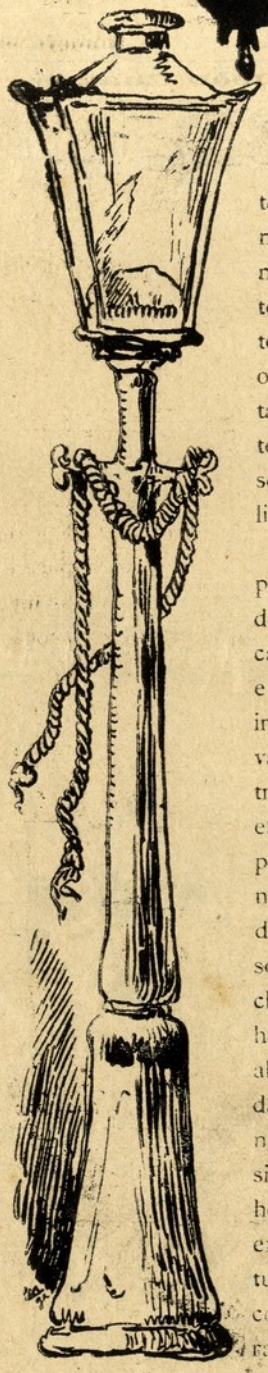
Anno I — Lisboa, 10 de maio de 1896 — Numero 14

Caricaturas de Celso Herminio — Chronica de João Chagas

NA DECADENCIA

O ultimo recurso das instituições

CHRONICA



Todas as semanas n'este paiz sem factos, o chronista pergunta a si mesmo o que hade dizer, e tendo passado mentalmente em revista o que viu e ouviu contar, hesita entre tanta coisa mesquinha, aterrado á idéa de ter de se occupar do que na realidade não vale a pena.

A vida portugueza, para o escriptor, tem isto de horrivel: é insignificante. Por isso, os jornaes e os jornalistas não tem interesse, não porque não valham talvez uns e outros, mas porque, com effeito, a vida que elles pretendem representar nada vale em si. Um grande cansaço parece pesar sobre todas as coisas; as classes não luctam; não ha principios em guerra aberta, nem idéas armadas. Um accordo proveniente de uma mutua lassidão põe de harmonia os homens e as cousas. A existencia é molle, as creaturas flacidas. Nada tem consistencia, rigidez, caracter.

Semelhante concordia reina em toda a parte — no Estado, nos lares, nas almas. O criminoso politico é tolerado, a mulher adultera tolerada, o prevaricador tolerado. De concessão em concessão, a sociedade portugueza desceu ás ultimas transigencias. O chefe do Estado, geralmente antipathico, por motivos d'ordem physica e moral, é acceite como tal, como para a familia um filho marreca, ou uma filha anã. Diz-se d'elle o que se diz d'estes — nasceu assim! e como tal se habituaram a vel-o. Os grandes delapidadores da fazenda publica, por seu turno, foram-se tornando familiares e n'este paiz arruinado, segundo é voz geral, por um bando de quadrilheiros, esses quadrilheiros passaram a fazer parte do pessoal da nação, onde é corrente conhecerem-n'os por alcunhas, como se conhecem os reis por cognomes.

Os factos, assim como os homens, perderam expressão. Dão-se e reproduzem-se sem espanto ou alarme publicos, annotam-se e commentam-se com bonhomia e bom humor. — O que os jornaes da opposição referem todos os dias em Portugal, sobre negocios publicos, seria motivo para perturbar todos os dias, a vida interna de qualquer outro paiz.

As idéas, como os homens, como os factos, entraram n'uma perfeita normalidade. Um patirdo que se propunha ainda ha tres mezes coagir o monarcha a respeitar a Constituição, cahiu em lethargo, e a propria idéa republicana tornou-se, por sua banda, tão familiar, que deixou de ser aggressiva e vive em commum com as que lhe são antagonicas, tão pacificamente como feras domesticadas, na mesma jaula. A dictadura do governo actual parecendo querer iniciar na historia das instituições liberaes um novo periodo de reacção e de combate, soffreu do mesmo modo a influencia do cansaço geral, e, não encontrando resistencias, viu-se abortada. Ignora-se e provavelmente ficar-se-ha ignorando se em Portugal ha almas de dictadores, porque até agora não as chamaram a terreno.

Os aspectos da vida são os aspectos da Rua. A rua é monotona, sem pittoresco e sem interesse e apenas serve para sanccionar o espirito geral de con-

ciliação. Algumas apparentes divergencias cessam ahi, e ahi se congraçam tudo e todos. A Republica dá o braço á Monarchia, a Opposição ao Governo, e o céu que é sempre azul, e a temperatura, sempre doce, põem todos de accordo. Ao cabo de um dia de magro e esteril trabalho, o *desideratum* é ir á Avenida, e a sociedade que simula a Intelligencia publica, a Fortuna, a Prosperidade, a Gloria, encontra-se na Avenida como n'um terreno neutro, dentro do qual toda a incompatibilidade seria considerada de mau gosto; e n'essa rua larga, acabando n'um monte de terra, «sem folego para mais, como o proprio folego de quem a emprehendeu» debalde o escriptor procurará inspiração, porque tudo lhe parecerá mesquinho e monotono, desde o rei passeiando para baixo e para cima a cumprimentar os mesmos transeuntes, até os transeuntes, derreados, de bengala nos queixos a commentar os mesmos escandalos de sociedade, os mesmos cavallos e as mesmas *cocottes*. Debalde elle tentará rir. Não o conseguirá. N'uma sociedade movendo-se assim authomaticamente, não ha ridiculo possivel. Debalde procurará tirar d'esse espectaculo insipido uma philosophia. Nada concluirá de profundo das coisas que houver visto. É monotono, nada mais, —inexpressivo, incaracteristico.

Os jornaes são assim igualmente incaracteristicos, inexpressivos e monotonos. Procurará ler n'elles a vida portugueza e vel-a-ha inscripta n'esta palavra unica — tédio. O artigo de fundo, o classico, o typico artigo de fundo, não o lerá até meio e fechará os olhos estonteando de tanta palavra vasia. Passará a correr sobre a intriga da *cité* politica, a Arcada, o influente, o concussionario, o corruptor, *diz-se, consta, corre*, e procurará o facto, o commentario, o assumpto — em vão, sempre em vão; e pelos seus olhos fatigados decorrerá, escripta n'uma lingua barbara de fadistas e rufiões, a vida miuda e pobretona das classes: o *high-life*, a chronica de policia e a lista geral.

O facto cederá o logar á anedocta, o commentario ao dito. Assumptos, não os ha. Ha cisco, ha lixo, porque nos jornaes vasa-se tudo o que se encontra nas ruas — lixo da Arcada, lixo da Avenida, lixo da Mouraria.

E tendo comprehendido que nada ha que valha a pena, que tudo é pequeno, mesquinho, secco, chato, fará como eu, — pousará a caneta, fechará o tinteiro e irá esperar melhores dias, melhores factos e melhor gente, para a cama que, sobre ser logar quente, é ainda aquelle onde mais commodamente se espera.

João Chagas

Patria!

O «Berro» propõe-se começar a publicar na proxima semana uma serie de illustrações do livro condemnado do grande poeta Guerra Junqueiro — *Patria!* Servir-se-ha das suas rubricas, para o que declara que não pediu auctorisação ao auctor, e por ellas fará ao mesmo tempo Historia e Critica, taes como ellas se nos affiguram uteis de fazer.

Por este processo arbitrario esperamos, interpretando a obra do artista, tornal-a mais fecunda nos seus effeitos.

O 1.º DE MAIO
8 HORAS
FOME
CAPITAL
O TRABALHO
O CAPITAL

Com este titulo.—*Conventos e Collegios*, acaba de publicar-se em Lisboa um livro, para o qual chamamos a attenção de toda a gente, porque por toda a gente deve ser lido. Trata elle de educação publica e procura dizer a verdade sobre o que é a educação publica em Portugal. Calcule-se o que sob a rubrica.—*Collegios*, haverá a dizer. O auctor, o sr. Santos Guerra, refere uma parte do que viu n'um inquerito honesto a algumas das nossas chamadas casas de educação, e se não teve em vista senão dizer a verdade, alguma coisa mais conseguiu, porque o seu livro commove, isto é, abala, e se não produzir effeito no espirito publico não é porque não seja eloquente. Resulta isto de que se serviu d'uma lingua brilhante, quasi litteraria, para nos communicar as suas revelações e teve a excellente inspiração de nol'as fazer em termos de as tornar interessantes. Das suas investigações, qualquer outro teria feito um relatorio. Elle fez anedoctas e contando a verdade como quem conta um conto, poude tornal-a mais evidente e mais clara.

O livro divide-se em duas partes, a primeira das quaes é uma rapida visão da vida conventual e alguns dos *dessous* do proselytismo jesuitico em Portugal; mas a parte verdadeiramente curiosa e interessante pela exactidão das observações e pela intrepidez do commentario, é a que se refere aos Collegios, ou, para melhor nos exprimirmos, á industria da educação publica no nosso paiz. Toma como objecto de estudo o Instituto Mocho, e o Instituto Mocho é flagrantemente o Collegio em Portugal—caserna infecta d'onde successivas gerações tem sahido para a vida portugueza, mal educadas, viciadas, corrompidas, anemicas, rachiticas.

Lamentamos que o limitado espaço d'este semanario não nos permitta escrever, a proposito do novo livro, o estudo que elle merecia, assim como lamentamos que a organisação e o espirito da imprensa em Portugal não a leve a occupar-se largamente do assumpto importante que elle levanta. Semelhante obra, em um paiz culto, produziria um verdadeiro escandalo. Em Portugal passa, porque o que faz escandalo n'este excellente paiz não são os vicios fundamentaes da sociedade, mas a intriga das classes. Por este ponto de vista, o livro do sr. Fuschini e os similares que lhe succederem, levarão a palma ao volume do sr. Santos Guerra, a quem agradecemos, com o tel-o escripto, a amabilidade de nol-o haver enviado.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos agentes o favor de liquidarem as suas contas do mez passado com esta administração.

* * *

O BERRO está actualmente á venda em todas as provincias de Portugal.

Continuamos a acceitar agentes.

* * *

Tendo-nos sido feitos successivos pedidos de collecções, não nos é possivel envial-as completas, por se haver esgotado o numero 1. Tencionamos, porem, fazer uma tiragem especial d'esse numero, e então serão satisfeitos os pedidos.

* * *

Na Tabacaria Monaco, do nosso amigo Julio Cesar Vieira da Cruz, continuam á venda os exemplares do BERRO, em papel especial, ao preço de 50 réis.

No Porto é nosso unico agente o sr. Arnaldo José Soares, e em Coimbra o sr. Francisco França Amado.

* * *

O BERRO continua a publicar-se ás sextas-feiras. O preço do numero avulso é de 20 réis.

REVISTA DA SEMANA

A imprensa occupa-se dos motivos momentosos, porque sahiu do *Diario de Noticias* o Luiz de Araujo

Um grande incendio consegue dar por momentos a Lisboa a impressão de que é uma grande cidade

O assassinio do shah da Persia é considerado como um pessimo exemplo

Praça do Campo Pequeno

DOMINGO 10 DE MAIO

A'S 4 HORAS E MEIA DA TARDE

Distribuição da 1.ª parte

1.º—Farp. por Adelino Raposo.
2.º—Band. por Calabaça e Minuto.
3.º— » por Theodoro e Torres Branco.
4.º—Farp. por Adelino Raposo.
5.º—Band. por Cadete e Rodas.
6.º—A sós pelo espada MATEITO.

Distribuição da 2.ª parte

1.º—Farp. por Antonio Duarte.
2.º—Band. por Santos, Evaristo e Manuel Moreira.
3.º—A sós pelo espada *Pescaderito*.
4.º—Band. por Monteiro, Rocha e Manuel Abreu.
5.º—Farp. por Antonio Duarte.
6.º—Band. por Lourenço, Branco e Gonzaga.

Real Colyseu

(Rua da Palma)

Todas as noites, a revista do anno

TROCAS
E
BALDROCAS

Galeria Monaco

ROCIO

Illustrações
Jornaes
Livros
Tabacos
E... TUDO

TYP. GUEDES
ARCO DO BANDEIRA, 64 A 70
LISBOA

Toda a correspondencia dirigida ao administrador Joaquim de Meira Souza, Rua dos Fanqueiros, 262, sobre-loja—Editor, Paulo da Fonseca.